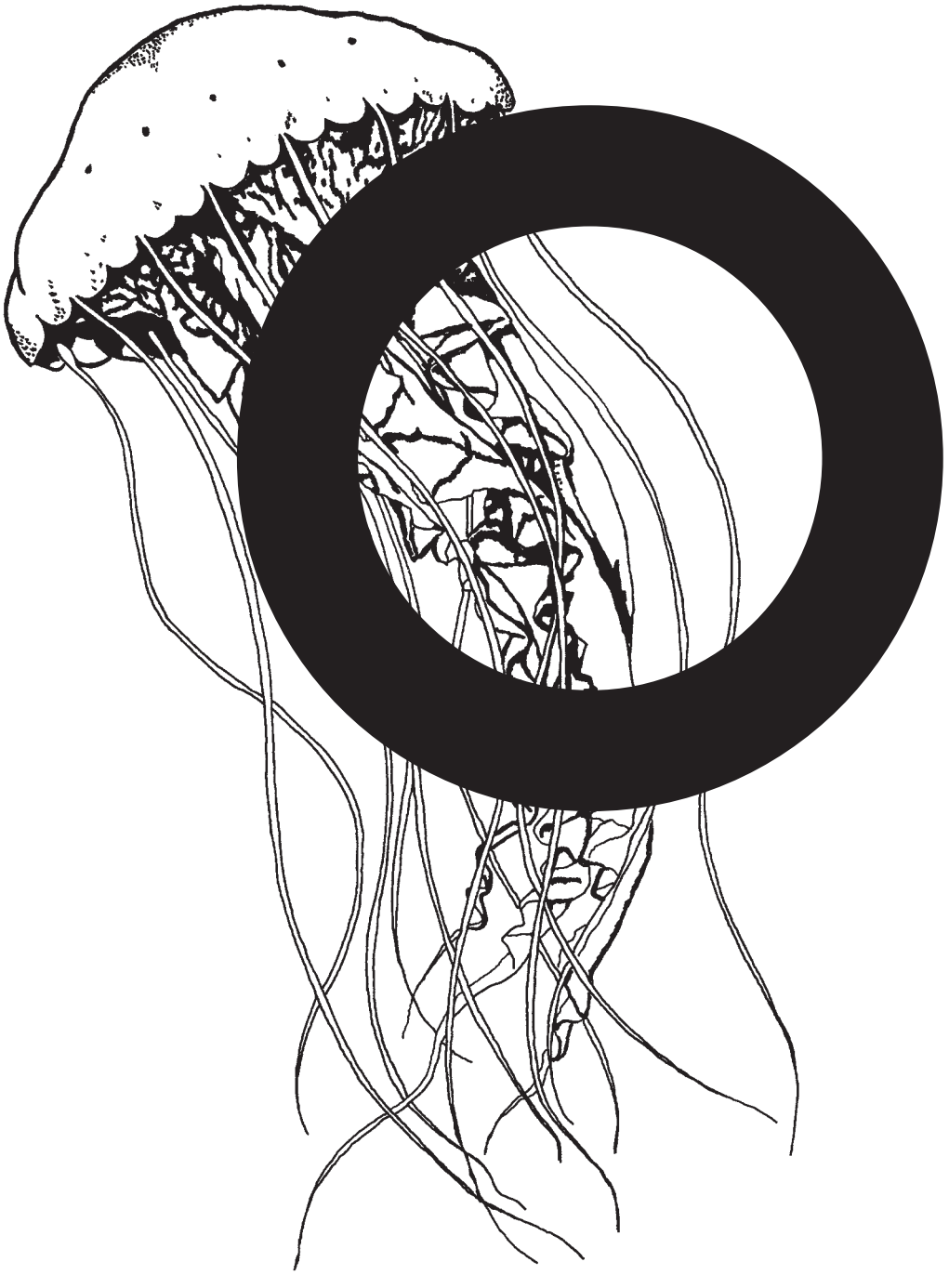

INCERTEZA VIVA

PROCESSOS ARTÍSTICOS E PEDAGÓGICOS – 32ª BIENAL DE SÃO PAULO

INCERTEZA VIVA:
PROCESSOS ARTÍSTICOS E PEDAGÓGICOS
32ª BIENAL DE SÃO PAULO

Organizado por:
Jochen Volz
Valquíria Prates

bienal são paulo

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

A Bienal de São Paulo é um encontro entre a arte mais contemporânea possível e o público mais amplo possível. É um desses momentos em que uma produção artística geralmente apreciada por poucos se torna acessível a grandes multidões.

Durante muito tempo vivemos sob o predomínio das formas tradicionais: pintura, escultura, gravura ou desenho. O século 20, contudo, viveu uma explosão de numerosas vanguardas, uma após a outra; sucessivas desconstruções da linguagem, resultando numa profunda desorientação em sucessivas gerações. Nosso diálogo com a produção artística foi modificado de forma irreversível.

O grande desafio de uma grande mostra como a Bienal de São Paulo é restabelecer o contato entre um público ansioso por compreender, e uma proliferação de movimentos artísticos que se contradizem, se provocam, se questionam entre si.

Diante da experiência artística, diante de uma obra de arte que nos surpreende, que nos inquieta, somos forçados a rever nossos conceitos e, muitas vezes, a modificá-los. Não existe cartilha para explicar a arte. Nossa reação diante dela é sempre uma reação pessoal. Tudo que podemos sentir diante de uma obra é fruto de nossas leituras, experiências, discussões. Não existe uma fórmula ideal para avaliar cada obra.

A criação artística põe em contato uma experiência individual e única com uma tradição coletiva de muitos séculos. O artista cria a partir de sua inspiração pessoal, de sua visão do mundo, de seu sentimento. Mas qualquer técnica empregada por ele dialoga com uma tradição, mesmo quando seu propósito é negá-la ou combatê-la.

Ao apreciar uma obra de arte, a pessoa também tem uma experiência pessoal e intransferível. Ela também depende de uma tradição, do acúmulo de diferentes experiências.

No campo artístico não existe substituição do mais velho pelo mais novo. A arte de hoje não é "mais avançada" ou "mais evoluída" que a de cem anos atrás ou a de mil anos atrás. Cada conjunto de obras de arte reflete o mundo que as produziu.

A 32ª Bienal se baseia em formas que constantemente se recriam, procuram novos caminhos, não se furtam aos conflitos, destroem convenções. Seu tema: Incerteza viva. A incerteza é o meio em que nos movemos, é quem produz a energia que nos faz avançar. Na dúvida, avançamos. Na incerteza, criamos.

Juca Ferreira
Sociólogo, Ministro de Estado da Cultura

bienal

Idealizada no contexto de surgimento dos primeiros museus de arte moderna do Brasil, a Bienal de São Paulo fazia parte de um amplo projeto cultural que compreendia a formação de um público para a arte moderna, que fosse além da minoria especializada. Em sua primeira edição (1951) defendeu-se essa missão formadora, que, na 2ª Bienal, foi expandida mediante iniciativas simultâneas à exposição de obras, como os chamados "passeios explicativos", com "monitores" preparados através de um curso de formação em história da arte.

Desde seu início, portanto, a Bienal de São Paulo entende que uma exposição de arte não deve ser um corpo estranho à sociedade e à cultura em que está inserida. Deve fomentar debates e possibilitar o desencadeamento de processos transformadores.

Em sintonia com esse espírito, a 32ª Bienal de São Paulo – *Incerteza viva* tem na educação um de seus eixos estruturantes, ao lado de cosmologia, narrativa e ecologia. Esses interesses são conectados pela noção de incerteza e pela aposta em sua potência para gerar inquietação, movimento e vida. Como ferramenta destinada a ampliar a reflexão em torno da exposição, a publicação *Incerteza viva: Processos artísticos e pedagógicos – 32ª Bienal de São Paulo* oferece diferentes modos de aproximação dessas questões, entre os quais estão as obras de doze artistas que farão parte da mostra, somadas a textos de escritores, filósofos, cientistas e relatos de educadores e artistas sobre seus processos de criação.

É importante destacar que, da concepção à produção, esta publicação é resultado de um amplo trabalho colaborativo entre a curadoria e todas as equipes da Fundação Bienal. Cabe ressaltar também a participação de professores e educadores sociais em um workshop, que contou igualmente com a presença da curadoria e de profissionais da Fundação. O resultado de quatro intensos encontros de trabalho constituiu um importante ponto de partida para a publicação educativa da 32ª Bienal.

Desse modo, a Bienal reafirma o entendimento de que sua atuação pode se estender para além do tempo e do espaço da exposição. Entendimento este que a tem levado, nas últimas décadas, a uma aproximação cada vez maior com uma parcela significativa de seu público – educadores e estudantes – ampliando o acesso à informação e à reflexão sobre arte contemporânea na formação das novas gerações.

Luis Terepins
Presidente da Fundação Bienal de São Paulo

INCERTEZA VIVA

Jochen Volz

Na Teoria da Informação,[1] a medida de incerteza é a *entropia*, uma propriedade emprestada da termodinâmica para determinar até que ponto um sistema se encontra em equilíbrio, bem como para mensurar a desordem de um sistema. A entropia descreve a perda de *informação*, a incapacidade da energia de um sistema para realizar trabalho. Quanto mais afastado do equilíbrio, por exemplo, mais o sistema tende "a apresentar comportamentos radicais, produtivos e imprevisíveis".[2]

Depois que o físico alemão Werner Heisenberg (1901-1976) apresentou o *princípio de incerteza* em 1927,[3] a ideia de descrever a incerteza passou a ser discutida fora do âmbito da física quântica entre muitas disciplinas: da matemática e filosofia à astronomia, da linguística à ciência da comunicação, da biologia, sociologia e antropologia à história e educação. Mas as dimensões de como vivenciamos a incerteza se ampliaram radicalmente no curso da última década, em virtude do maior entendimento de um mundo globalizado.

Nos últimos anos, assistimos à publicação de inúmeros livros e trabalhos científicos sobre o fim do mundo tal como o conhecemos. Biólogos medem e descrevem taxas de extinção na história geológica e biológica da Terra, ressaltando que o planeta tem 45 milhões de séculos de idade, mas que o século atual é o primeiro em que uma única espécie – a espécie humana – pode determinar o destino da biosfera. De acordo com eles, enfrentamos hoje a chamada *sexta extinção*,[4] como consequência de uma população crescente de seres humanos que cada vez mais demanda recursos, dotada pela tecnologia de um poder cada vez maior. Ingressamos em uma era também chamada de *Antropoceno* – que supostamente teve início quando as atividades humanas passaram a produzir impacto global considerável nos ecossistemas terrestres. "Estamos, em suma, prestes a entrar – ou já entramos, e esta incerteza ela mesma ilustra a experiência de um caos temporal –

1 Claude E. Shannon e Warren Weaver, **The Mathematical Theory of Communication**. Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1949. [**A teoria matemática da comunicação**. Trad. Orlando Agueda. São Paulo: Difel, 1975].

2 Sanford Kwinter, **Far from Equilibrium – Essays on Technology and Design Culture**. Barcelona / Nova York: Actar, 2007, p.16.

3 O princípio de incerteza afirma que não se pode medir com precisão absoluta a posição (x) e o momento (p) de uma partícula. Quanto mais acuradamente se conhece um desses valores, menos acuradamente se conhece o outro. Esse princípio diz que há indefinição na natureza e um limite fundamental para o que se pode conhecer sobre o comportamento de partículas quânticas, as menores escalas da natureza. A teoria de Werner Heisenberg até hoje ajuda a explicar muitos fenômenos que, de outro modo, não seriam compreensíveis. Na física quântica, a incerteza constitui algo com que não devemos nos preocupar, mas, ao contrário, é a razão pela qual existe vida no planeta.

4 Elizabeth Kolbert, **The Sixth Extinction – An Unnatural History**. Londres: Bloomsbury Publishing, 2014 [**A sexta extinção: uma história não natural**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015].

em um regime do Sistema Terra inteiramente diferente de tudo que conhecemos",[5] afirmam a filósofa Déborah Danowski (1958-) e o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (1951-).

Ainda que os prognósticos de eventos futuros no planeta apresentem contradições, cientistas de todas as disciplinas clamam por ação imediata e pedem que a consciência coletiva se eleve em todo o planeta para enfrentar os desafios com que as sociedades se deparam neste momento. Mas há ainda um longo caminho a percorrer até que os currículos escolares, as pautas da mídia e os programas políticos efetivamente façam dessas questões sua causa comum. "A incerteza é ignorada ou refutada", como afirma o pesquisador operacional britânico Jonathan Rosenhead (1939-), e "persegue-se a estabilidade como o último bastião contra a ansiedade, que, de outro modo, poderia se tornar esmagadora".[6]

Para enfrentar objetivamente as grandes questões de nosso tempo, como o aquecimento global e seu impacto nos hábitats, a extinção de espécies e a perda da diversidade biológica e cultural, a instabilidade econômica e política, a injustiça na distribuição dos recursos naturais do planeta e a migração mundial, entre outras, talvez seja necessário desvincular a incerteza do medo. A incerteza está claramente ligada a noções endêmicas no corpo e na terra, com uma qualidade viral em organismos e ecossistemas. Embora esteja atrelada à palavra crise, não é equivalente a ela. A incerteza é, acima de tudo, uma condição psicológica ligada a processos individuais ou coletivos de tomada de decisões e representa o entendimento e o não entendimento de problemas concretos.

A arte sempre jogou com o desconhecido. Historicamente, ela tem insistido em um vocabulário que expresse o mistério e a incerteza. Informações se perdem, e a dúvida persiste, mas a arte pode moderar tais paradoxos criando novos sistemas, escalas e normas, apresentando padrões e medidas alternativos. Ela enfatiza a incapacidade dos meios existentes para descrever o sistema do qual somos parte, pois aponta para a desordem desse sistema. Acima de tudo, pode fazer isso porque une, naturalmente, o pensar ao fazer, a reflexão à ação.

Ao contrário do que ocorre em outros campos, na arte a incerteza aponta para a desordem, levando em conta a

5 Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro, **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins.** Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014, p.23.

6 Jonathan Rosenhead, "Complexity Theory and Management Practice", 1998. Acesse via materialeducativo.32bienal.org.br.

ambiguidade e a contradição. A arte vive à custa da incerteza, do acaso, da improvisação e, simultaneamente, procura contar o incontável e medir o imensurável. Deixa margem para o erro, para a dúvida e até para os fantasmas e os mais profundos pressentimentos, sem fugir deles nem os manipular. Portanto, não faria sentido tomar seus inúmeros métodos de raciocínio e execução e aplicá-los a outros campos da vida pública?

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1925-), que cunhou o termo *modernidade líquida*,[7] a liquidez serve de metáfora para uma sociedade moderna, incapaz de manter sua forma, produzindo um efeito em todas as dimensões da vida. Os laços sociais de família e de comunidade são substituídos por conceitos de identidade que, por sua natureza, são fluidos e flexíveis. A dissolução de laços fortes define um novo conjunto de desafios para a vida individualizada e globalizada, obrigando-nos a ser adaptáveis em condições de incerteza endêmica. A imagem traçada por Bauman é a do caminhar sobre uma fina camada de gelo, escorregadia demais para corrermos sobre ela e, no entanto, tão frágil que não podemos parar.

Em 1969, o arquiteto, designer e inventor americano Richard Buckminster Fuller (1895-1983) escreveu o livro *Operating Manual for Spaceship Earth* [Manual de operação para a espaçonave Terra], no qual culpa a especialização, generalizadamente entendida na sociedade atual como chave para o sucesso, por impedir toda forma de pensamento abrangente.[8] As poderosas ferramentas de pensamento que Buckminster Fuller sugere para combater os problemas mundiais são a riqueza física (energia), a riqueza metafísica (*know-how*) e a sinergia. "A riqueza como antientropia desenvolve juros compostos através da sinergia, cujo crescimento até agora não é levado em conta em todo o planeta em nenhum de seus sistemas político-econômicos."[9] A sinergia, na visão de Buckminster Fuller, é o comportamento de totalidades, não previsível pela atuação de suas partes. Transferir o conceito de sinergia para a cooperação social é a única maneira pela qual a sociedade poderá efetivamente superar o materialismo e a constante necessidade de mais recursos. Ele declara: "O universo é sinergético. A vida é sinergética".[10] Assim, quando

7 Zygmunt Bauman, **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity Press, 2000. [**Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001].

8 Richard Buckminster Fuller, **Operating Manual for Spaceship Earth**. Zurique: Lars Müller Publishers, 1969/2013, p.24. [**Manual de operação para a espaçonave Terra**. Trad. Hélio V. Nardes Mendes. Brasília: Editora da UnB, 1985].

9 Ibidem, p.102.

10 Ibidem, p.80.

Buckminster Fuller fala do *know-how* como riqueza metafísica essencial, está se referindo ao conhecimento profundo sobre a relação entre seres humanos e seu ambiente, e ao entendimento pleno de uma interconectividade global. E ele aponta para a essência da educação.

Com o título de *Incerteza viva*, a 32ª Bienal de São Paulo enfoca as noções de incerteza para refletir sobre as condições correntes da vida e as estratégias oferecidas pela arte contemporânea para abrigar ou habitar incertezas.

Mas como traduzir um tema tão vasto em uma mostra de arte? Ao organizar uma exposição, muitas vezes se parte de uma série de questões e de muitas discussões com colegas e amigos, artistas, críticos e profissionais de outras áreas de pesquisa. E como organizadores de exposição ou curadores, como hoje somos chamados, olhamos de muito perto o que os artistas estão fazendo. Mais que objetos, mais que mercadorias, as obras de arte representam uma visão do mundo e, levadas a sério, podem oferecer a todos ferramentas e estratégias alternativas para uma vida na incerteza.

Desde logo identificamos que seria interessante examinar a noção de incerteza de uma série de pontos de vista distintos porém complementares, dispondo-nos a rastrear o pensamento cosmológico, o ambiente e a inteligência coletiva, e ecologias sistêmicas e naturais. Esta publicação e também a pesquisa curatorial estarão consequentemente estruturadas em torno de temas como incerteza e narrativas, incerteza e cosmologia, incerteza e ecologia e incerteza e educação. Quatro estimados colegas foram convidados a contribuir com ensaios para este livro e desejamos agradecer de todo coração a Mia Couto, Milene Rodrigues Martins, Rodrigo Nunes e Virginia Kastrup por sua colaboração.

Mas os temas anteriormente mencionados são apenas ferramentas ou convites para promover discussões, para nortear o trabalho com esta publicação, para nós como curadores desenvolvermos a exposição e, por fim, para o público da Bienal. Nenhum dos trabalhos apresentados neste livro ou na 32ª Bienal de São Paulo pretende ilustrar algum desses pensamentos. Em vez

disso, esperamos que as estratégias aqui apresentadas encontrem eco em algumas das questões que cada leitor ou visitante possa ter ou trazer para uma discussão animada acerca da noção de incerteza, sentimento que todos compartilhamos. A exposição não estará organizada em seções, mas, em vez disso, tecerá esses temas e muitos outros em um todo articulado.

Aprender a viver com a incerteza pode ensinar a construir soluções. Compreender o significado da *incerteza viva* no dia a dia significa permanecer consciente do fato de que existimos imersos em um ambiente presidido por ela. Assim, podemos propor outros meios de ação em tempos de mudança constante. Discutir a incerteza requer o entendimento da diversidade do conhecimento, porque descrever o desconhecido sempre implica interrogar aquilo que tomamos como conhecido. E, no entanto, também significa valorizar códigos científicos e simbólicos mais como complementares do que como excludentes. A arte promove uma troca ativa entre pessoas, reconhecendo as incertezas como sistemas de orientação geradores e construtivos.

O filósofo italiano Franco Berardi (1949-) afirma em seu "Manifest of Post-Futurism" [Manifesto pós-futurista]: "Exigimos que a arte se torne uma força transformadora da vida. Procuramos abolir a separação entre poesia e comunicação de massas, retomar o poder da mídia dos comerciantes e devolvê-lo aos poetas e sábios".[11] A arte descobre, ocupa, inventa e define lugares, nas cidades ou no campo, no centro ou na periferia, em locais históricos, recém-desenvolvidos, em contínua transformação, ou precários. Historicamente, períodos de caos ou de instabilidade social têm mostrado que isso é verdade. A criatividade artística é impulsionada pela luta e pelo amor. Ela pode nascer da resistência, mas cresce verdadeiramente na paz. Nesse sentido, a arte jamais é simbólica, mas sempre concreta.

11 Franco Berardi, **After the Future**. Edimburgo, Oakland, Baltimore: AK Press, 2011, p.166.

PROCESSOS ARTÍSTICOS E PEDAGÓGICOS – 32ª BIENAL DE SÃO PAULO

Valquíria Prates

Se a percepção de si mesmo em ação é uma das características marcantes da humanidade no que diz respeito aos processos criativos, é preciso considerar que sua capacidade de antever problemas e soluções diante de situações específicas pode constituir terreno fértil para o cultivo da incerteza, como defendia a artista Fayga Ostrower[1] em seus textos. E quando a incerteza se faz viva em um processo, torna-se ainda mais urgente a necessidade de reconhecer como as escolhas atravessam e determinam os acontecimentos e a maneira como nos percebemos neles.

Diante de condições incertas e variáveis, a tentativa de realizar mudanças e transformações na vida e no ambiente em que uma pessoa se insere pode tomar rumos diversos. Se, por um lado, pode ser uma fonte de desafios profundos e estimulantes para aqueles que se identificam com o espírito heroico, propenso a aventuras, por outro, pode levar a um estado de paralisia diante da dúvida naqueles que identificam que, em processos de escolha, sempre há ganhos e perdas. Isso porque a ideia de que poderíamos nos preparar previamente para o inesperado sugere também a possibilidade de que nos deparemos com um cenário totalmente novo, decorrente de nossas escolhas. Portanto, aprender a fazer escolhas diante de contextos incertos pode ser uma forma de desenvolver uma relação mais amorosa com a incerteza, transformando-a num valor a ser alimentado, como sugere o filósofo Edgar Morin.[2]

Cotidianamente, a educação acadêmica reconhece, em suas salas de aula, que toda certeza propagada pela ciência no século 20 contém uma ampla gama de incertezas, que aparecem em novos questionamentos derivados de hipóteses e descobertas.

Na educação formal e não formal, esse posicionamento poderia levar à atribuição de valor e espaço ao estudo daquilo que a ciência desconhece como respostas finais e que permanece como perguntas a serem enfrentadas por estudantes, aprendizes e públicos. Seria

1 Fayga Ostrower, **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

2 Edgar Morin, **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

uma possibilidade de ir além do que a academia transformou em hipóteses "mais aceitas", consideradas *conhecimento*. E também de estimular a capacidade de questionar, a partir de cada contexto específico, aquilo que sabemos, conhecemos e o modo como vivemos. A consequência disso pode ser, talvez, a aceitação de que a cada resposta encontrada não teremos apenas a sensação de aconchego obtida com o conhecimento consolidado, mas também o desafio de partir novamente rumo a algo novo a aprender, numa grande espiral de incertezas.

Ainda nesse encadeamento de pensamentos, Morin vislumbra a possibilidade de "aprendermos a navegar em um oceano de incertezas, em meio a arquipélagos de certezas".[3] Para isso é necessário acolher e vivenciar imprevistos e erros, encontrar o inesperado, fazer escolhas diante de situações em constante transformação e disparar processos pedagógicos a partir dos recursos disponíveis e em diálogo com contextos específicos. Assim trabalham muitos cientistas, artistas, e também dessa forma se constroem os saberes populares: investigando em meio à incerteza.

A publicação de *Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos – 32ª Bienal de São Paulo* tem por ponto de partida o reconhecimento de que a incerteza inerente aos processos pedagógicos e à condição humana se mostra de forma ainda mais contundente em contextos de crise anunciada, fruto do colapso de certezas longamente cultivadas e consagradas por métodos, sistemas e instituições pedagógicas e culturais. O livro foi criado a partir da realização de uma série de workshops de estudo e pesquisa que aconteceram no segundo semestre de 2015, com a participação das equipes de curadoria e das equipes permanentes da Fundação Bienal de São Paulo, junto de um grupo de professores, educadores e mediadores convidados. Os encontros foram organizados em torno dos processos de criação de doze artistas escolhidos pela curadoria, que não pretendia ilustrar conceitos e temas, mas sim constituir pontos de partida para discutir arte contemporânea e incerteza.

Os participantes do workshop foram convidados a criar e desenvolver práticas pedagógicas em diálogo com processos de criação, obras e pesquisas desses artistas. Todo o trabalho,

3 Ibidem.

realizado em escolas e instituições culturais, foi registrado em planos de aula, relatos de realização das ações e imagens.

Ao abordar o trabalho de artistas e educadores, a publicação destaca a ideia de que em artes é possível aprender não apenas com o que se pode dizer sobre os artistas e suas obras, mas também a partir de um interesse genuíno pelos processos de investigação que lhes dão origem e envolvem questionamentos, escolhas, pesquisas plásticas e experimentações variadas, diante do mundo e da vida. E é a isso que nos referimos no início deste texto, quando mencionamos *trabalhar com o que não conhecemos ou não sabemos*: podemos tomar partido da incerteza em ações educativas.

Diante de tantos interesses, perspectivas, conceitos e necessidades, o livro tomou a forma inicial de sete cadernos e doze cartazes com imagens ampliadas de obras selecionadas pelas equipes de curadoria e educação. Todo o material é reunido em um fichário, que permite agregar outros textos, pesquisas e ferramentas de apoio que serão desenvolvidas durante os encontros com professores e cursos para mediadores realizados pela Fundação Bienal durante todo o ano de 2016, bem como nas itinerâncias no ano seguinte.[4] Seu uso pode ser tanto individual, em processos de pesquisa e de formação de professores, educadores e mediadores, como também em situações coletivas, seja em salas de aula, seja nos variados programas de formação e mediação em instituições culturais. Como volume único, pode ser lido de forma sequencial, ou considerado em cada uma de suas partes separadamente, de acordo com o interesse ou a necessidade do leitor.

Além disso, todo o conteúdo pode ser reproduzido em forma de cópias simples, para circular e partilhar imagens e textos em grupos de profissionais, estudantes ou aprendizes, em situações de leitura mediada ou em processos de pesquisa orientada, interpretação de textos e rodas de leitura crítica.

Neste caderno introdutório, o curador Jochen Volz apresenta as principais noções que constituem a exposição, considerando a incerteza uma condição humana ligada a processos de tomada de decisão diante de problemas concretos. O texto contém ainda a ideia de que é possível, desejável e necessário aprender a usufruir

4 Todo o material produzido posteriormente será editado em formato de folhas e cadernos de trabalho e publicado periodicamente no website da Fundação Bienal até o final da mostra (materialeducativo.32bienal.org.br).

a incerteza como fonte de criação e reconhecimento de outras possibilidades de organização da vida, ao observar as obras e os processos de artistas que escolheram acolher e habitar a incerteza para além do medo que possa surgir diante do desconhecido e da constante transformação do planeta sob os mais diversos pontos de vista, desde as constatações científicas ambientais até a transformação de relações sociais e políticas consolidadas.

Na sequência desta apresentação, um conjunto de quatro cadernos reúne o pensamento de autores convidados a refletir acerca da incerteza, e traz também abordagens dos processos de criação dos doze artistas investigados no workshop preparatório deste material.[5]

No caderno *Narrativa e incerteza*, o escritor Mia Couto comenta seu processo de criação literária como forma de acolhimento e disponibilidade para uma espécie de *não saber*. Além disso, o autor confronta o modo como a construção de certezas é supervalorizada em diferentes âmbitos da vida, em contraposição à incerteza, concebida geralmente como algo que assusta e intimida. O mesmo caderno apresenta os processos de criação de Francis Alÿs, Helen Sebidi e Lais Myrrha, com textos que abordam a maneira como os artistas se relacionam com narrativas cotidianas, biográficas e históricas em sua produção artística.

O caderno *Cosmologia e incerteza* apresenta uma reflexão da pesquisadora Milene Rodrigues Martins sobre as hipóteses de surgimento e de colapso do Universo na astronomia. Na sequência, são apresentadas as pesquisas e metodologias exploradas pelos artistas Bené Fonteles, Koo Jeong A e Mariana Castillo Deball para investigar contextos em transformação cíclica, processos de ritualização da vida e processos históricos.

O filósofo Rodrigo Nunes abre o caderno *Ecologia e incerteza*, com reflexões sobre as respostas da natureza ao comportamento humano diante de seus recursos e ciclos, reconhecendo que há diferentes formas de habitar o planeta. Seu texto traz também a ideia fundamental de que precisamos vivenciar uma *cosmopolítica*, participando de debates e embates diante da coexistência de inúmeros discursos e posicionamentos acerca da

5 Todas as citações de textos de artistas escritas originalmente em outra língua que não o português estão reproduzidas aqui em tradução livre, exceto quando creditadas de outro modo. [N.E.]

"questão ecológica'. As obras de Lourdes Castro, Pierre Huyghe e Víctor Grippo convidam a pensar nas relações construídas com o ambiente em que nos inserimos de forma mais imediata, nas ideias que habitam o binômio natureza e cultura e na necessidade de atuação política face às questões fundamentais da sobrevivência e do trabalho.

No caderno *Educação e incerteza*, a psicóloga Virginia Kastrup sugere uma espécie de "convívio de criação" com a incerteza, por meio de processos de *aprendizagem inventiva*, decorrentes da convivência e da colaboração não hierárquica entre pessoas e sistemas. Essa ideia dialoga com a maneira como os artistas Felipe Mujica, Rita Ponce de León e Öyvind Fahlström desenvolvem suas poéticas e pesquisas.

O caderno *Escolhas, rotas e desvios* apresenta os "Relatos de processos pedagógicos" e as "Folhas de pesquisa", tendo a investigação artística como inspiração para a elaboração de propostas de trabalho em contextos de educação formal e não formal. Os "Relatos de processos pedagógicos" narram as práticas de professores e educadores que participaram do workshop promovido pela Fundação Bienal, em textos que destacam os contextos institucionais, os recursos, as intenções e ações realizadas, acolhendo planos, tensões e desvios que existem entre as propostas e sua realização. As "folhas de pesquisa" apresentam elementos importantes a serem considerados nos levantamentos de impressões, questionamentos, informações, recursos, registros e avaliações, com foco na investigação de obras e do processo pedagógico. Longe de constituir um método de trabalho, as folhas são um convite para que profissionais de educação ampliem seu contato com as inúmeras possibilidades de se relacionar com obras, artistas e processos de criação enquanto dão forma às atividades pedagógicas que constituem seu trabalho.

Por fim, para conhecer seus créditos gerais, é possível consultar o último caderno deste fichário.

E para navegar pelas páginas deste livro, recomenda-se, como Morin, que se aproveitem as paradas nos arquipélagos para cultivar o desejo de retornar ao mar.